



CINEMA PARADISO

Boletim n. 284

São Paulo, 16 de fevereiro de 2011



Próxima reunião: 27/02/2011 - DOMINGO às 16:00 h.

CISNE NEGRO

(Black Swan)

Direção: Darren Aronofsky(*)



(*) Nasceu em Brooklyn, New York, EUA, em 1969. Estudou cinema na Universidade de Harvard. Em 1998, lança seu primeiro filme π , prêmio de melhor direção do Festival Sundance de Cinema. Dirigiu em 2000, *Réquiem para um Sonho*, e em 2008, finalizou *Um Lutador*.

GUERNICA

GUERNICA: Pintura-mural a óleo em tons acinzentados. Em seu trabalho, Picasso estampa nas faces dos personagens o medo ante a morte iminente, durante um bombardeio sobre a cidade espanhola que dá o título à obra.

- Que há de belo nesta triste cena?

*

Em seu mais novo trabalho, *Biutiful* * (México/Espanha, 2010), o diretor Alejandro Iñárritu põe o médium Uxbal (Javier Bardem, em excelente atuação) ante a iminência de sua própria morte. Tendo um câncer em estágio avançado, a notícia lhe é um baque: possui a guarda de seus dois filhos e tem como ex-esposa, a instável Marambra (Blanca Portillo em papel bem almodovariano, diga-se!), – tem transtorno bipolar.

A ação se passa em Barcelona. Não a Barcelona dos cartões postais, mas a versão menos conhecida, mais “feia” da cidade, a de seus subúrbios mais pobres – a Barcelona dos esquecidos e dos excluídos!

Uxbal tem como fontes de renda a exploração de imigrantes africanos (que vivem como camelôs) e agências chinesas para as indústrias têxtil e de construção civil e, eventualmente, como médium. Toda essa teia de contatos faz de Uxbal um personagem complexo – nem bom nem mau, talvez ambos: é rude e ao mesmo tempo carinhoso com seus filhos; vive às escaramuças com Marambra, mas ainda a ama; explora imigrantes, mas de alguns deles torna-se amigo e defensor de sua dignidade pessoal.

Ao tomar conhecimento de que seu câncer é terminal, Uxbal sente o baque, mas toca sua vida como de costume – suborna policiais para que não incomodem os camelôs africanos, cada vez mais envolvidos com drogas; reclama da forma como patrões chineses tratam seus compatriotas operários.

É quando ocorre um incidente no porão da fábrica – praticamente todos os operários chineses morrem devido ao mau funcionamento de um aquecedor dado a eles por Uxbal – que vemos Uxbal diante da morte, fora do contexto de sua atuação como médium. O protagonista desespera-se ao ver que uma de suas amigas chinesas está entre os mortos – nada pode fazer por ela, tarde demais!

Os patrões chineses livram-se dos corpos. São jogados ao mar, mas dias depois são vistos estirados à beira da praia: forte e desconfortante esta cena! E é a partir dela que poderemos discorrer mais sobre a visão da morte no contexto deste filme (deixando muitos

outros aspectos de fora, mas que foram devidamente apreciados pelo grupo *Cinema Paradiso* na sua discussão sobre o filme).

A câmera de Iñárritu nos aponta para a morte sob dois pontos de vista: o de Uxbal e outro, mais amplo, que pode ser a visão do diretor ou a nossa mesmo, a que se pode chamar de “nossa visão” da morte.

A visão de Uxbal confronta sua negativa de vir a morrer com a de ter de encarar a morte de seus entes queridos, como ocorre no caso da morte da amiga chinesa e de seu filho, no incidente da fábrica – aqui um Uxbal amedrontado, impotente, que nada pode fazer ante o imponderável.

O outro ponto de vista - o nosso! - nos põe diante de tudo o que possa eventualmente ser considerado “feio”: tetos embolorados,

ambientes escuros, sujos e desarrumados, corpos ensanguentados e machucados, tráfico de drogas, prostituição, consumo de bebidas e cigarros, etc. Esse quadro todo denota um desmanche do mundo ao redor de Uxbal - prenúncio de sua morte? No contexto deste ponto de vista, somos levados pelo diretor ao ápice de nosso desconforto: a cena em que os corpos dos chineses aparecem abandonados na praia. Cena forte e triste,

que nos remete à consciência do limite de nossa existência – mortos, nada somos além do que lembranças deixadas aos outros.

É essa visão mais ampla da morte – a “nossa visão” - que nos ajuda a chegar mais perto do que se passa com Uxbal e o universo que o rodeia (as pessoas com quem se relaciona). Entretanto, paradoxalmente, é essa mesma visão que nos distrai daquilo que é essencialmente belo nesse filme.

Afinal, que há de tão belo em um filme tão triste e trágico quanto *Biutiful*, senão o vislumbre de nossa humanidade em sentido mais puro, até o limite de sua existência?

Somos aquilo que somos, nos atributos de orgulho, estabilidade, morte, destruição, súplica, agonia, ingenuidade e ansiedade que permeiam a vida do protagonista – na verdade, são esses os mesmos possíveis atributos dos personagens da tela de Picasso em que retrata *Guernica*.

**Biutiful*: inglês fonético de *Beautiful*. O termo aparece em uma bela cena com a filha de Uxbal.

Marcos A. Paulino (da sucursal de Brasília)



A reunião de 13/02 foi muito rica, até porque todos reconheceram em **BIUTIFUL** um filme muito denso e que propõe muita reflexão. Contamos com a participação de dois novos integrantes: Ivani e Jorge.

Lemos trechos de críticas publicadas como pontapé inicial. Alguns, como o Luiz Zanin, não haviam percebido que quem conduz Uxbal à vida após a morte é seu pai. Isso não ficou claro para todos.

Foi unânime a admirável e intensa atuação de Javier Bardem. A fotografia a música também foi comentada como impecável (respectivamente Rodrigo Prieto e Gustavo Santaolalla são parceiros antigos de Iñárritu).

Mercedes começou contando que quase saiu no meio do filme, que ficou se odiando porque pertence ao nosso grupo. Como ela iria dizer no grupo que saiu na metade do filme? Foi uma risada geral. Saiu super mal do cinema, mas concluiu que o filme é ótimo, que cumpriu seu papel de incomodar, mostrando o submundo do mundo. Aquela tragédia social que se viu não ocorre só em Barcelona, mas no mundo todo.

Pontos considerados negativos por alguns participantes da reunião: Ivani achou excessivas as cenas de dor, especificamente as do banheiro; Jorge achou o filme desamarrado e Cibele achou que a trama paralela, da escravidão e morte dos chineses, era forte demais pra ser uma história paralela, o que tornou todo o filme pesado demais. Cibele também achou que o filme trata de várias formas de morte, como uma colcha de retalhos (o personagem principal, os chineses, o jovem gay, a morte do pai).

A discussão sobre o formato da narrativa do filme, com uma história central, mas com histórias paralelas igualmente importantes nos levou à discussão da presença de Guillermo Arriaga como roteirista em seus outros filmes. Comparamos o tipo de narrativa com **Babel**, **21 gramas** e **Amores Perros**. Outra cena discutida foi a da *boîte*. Seria desnecessária? Alguns defenderam a cena porque ela mostra que o submundo não está apenas entre os pobres e porque é o único momento em que ele se solta e fala – sem ser ouvido – que tem câncer.

Eu comentei a situação de eterno mediador de Uxbal. Ele é o intermediário entre os exploradores e os trabalhadores, entre as crianças e a mãe, entre os mortos e os vivos. Pra mim, o filme fala da passagem, mas principalmente da fragilidade do futuro. A sensação de orfandade do filme fez Lucy lembrar-se do outro filme espanhol, também com Bardem, **Segunda-feira ao Sol**.

Também foi falado da linguagem e do significado do nome do filme. Uma beleza que não é bela, nem original, mas é assim que a nossa cultura está sendo “traduzida”. Adriana questionou se, ao dizer que a palavra se escreve como se pronuncia, se ele não estaria dando uma educação “errada”. Muitos comentaram do afeto com que ele se dirigia e cuidava dos seus filhos, o que tornava aquele personagem mais ambíguo. Adriana se lembrou dos ótimos pais que os militares

argentinos eram para seus filhos “adotivos” (crianças seqüestradas dos presos políticos).

O filme foi muito apreciado, porém, todos concordaram que causou um imenso desconforto. As cenas que aliviaram: a do sorvete (Ronilson lembrou que o sorvete é efêmero) e as da conversa com Bea – a médium. É com ela que ele consegue falar da morte. Ela é a única que encara a verdade e sugere que ele se prepare e se organize. Segundo Ronilson, ela é uma pessoa muito necessária em situações assim, por isso nos alivia, porque ela é a única interlocutora (terapeuta? mãe? amiga?). A cena em que ele entrega as pedras aos filhos também revelou alívio, porque demonstra que ele está pronto para morrer.

Outra discussão foi o casal homossexual. Por que aquele moço, cruel explorador, tinha que ser homossexual? Entendemos que era pra mostrar uma paixão proibida e destrutiva. Aquele chinês tinha que manter as aparências com a família. A podridão está na hipocrisia e não na homossexualidade... O fato de ser um amante homem o deixava mais fragilizado, mais impotente diante de sua paixão. Aqui eu registro um comentário que eu deixei passar na reunião. Achei incrível o passeio da câmera na cena do assassinato do jovem gay. Quando aparece o quarto, o jovem assassinado está refletido no espelho, como se fosse um detalhe. A câmera coloca em primeiro plano o chinês, após ter matado seu amante, mas nós ainda não sabemos o que ele fez. A câmera já nos avisou mostrando de longe, no espelho. Só depois o foco é deslocado para a cama. Achei demais!

Mas, para mim, a cena mais bonita foi o momento da morte. Aliás, Jorge comentou como essa mesma cena é mostrada em ângulos diferentes, no início e no fim do filme. Foi suave, ao contrário de todo o filme.

Frase dos críticos mais apreciadas pelo grupo:

Para Iñárritu, a metástase do terceiro mundo não só é inevitável como excludente – os Alpes italianos são privilégio de poucos. (Marcelo Hessel, do site omelete).

A gente anda se afastando tanto uns dos outros que, quando você apresenta algo humano, que trata de emoções humanas, as pessoas dizem “isso é deprimente”, porque ninguém consegue reconhecer-se naquilo. As pessoas se recusam a encarar o envelhecimento e a morte. Estamos doentes, nossa sociedade está muito doente. Estamos andando na direção errada. (Frases do diretor publicadas em O Globo).

Peço perdão, especialmente a quem esteve na reunião, por realizar um artigo muito rápido que não chega perto da complexidade do filme e da nossa discussão.

Abraços,

Cláudia Mogadouro.



Dica do leitor:

Meus amigos e amigas,

Alguns de vocês devem saber que não sou muito de documentários. Nada contra, apenas preferência pessoal. Mesmo assim, recomendo-lhes **Lixo Extraordinário**. Em parte, é um *making of* das fotos que o artista Vik Muniz realizou em um lixão do Rio de Janeiro. É também mais do que isso. É um mergulho nas vidas de pessoas de extraordinária beleza, os catadores. Comovente sem ser piegas. Com cenas de incrível impacto visual. E, coisa rara neste país, um filme para cima, apesar de mostrar a tragédia social brasileira. Em poucos dias concorrerá ao Oscar de Melhor Documentário. Que tenha boa sorte!

Renato Pucci (de Curitiba, morto de saudades das reuniões).

COTAÇÃO 2011

| | |
|-----------------------|-------------|
| Tetro | 9,57 |
| <i>Biutiful</i> | 8,85 |
| O Concerto | 8,63 |

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>